



Orientação à Queixa Escolar: resultados e contribuições para a formação do psicólogo

Lilian Suzuki

Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
São Paulo, 2015



SUMÁRIO

1	Resumo	2
2	Introdução	4
2.0.1	Queixa Escolar	6
3	O levantamento de dados acerca da clientela no serviço de O.Q.E. no período de 2006 a 2013	7
3.0.1	A inscrição	7
4	Queixa pedagógica, por gênero	11
5	Queixas de comportamento, por gênero	12
5.0.1	O atendimento e os encaminhamentos	12
5.0.2	O acompanhamento	14
6	Conclusão	15
6.0.1	Algumas considerações	15
6.0.2	Esperança	16
6.0.3	Contribuições para a formação do psicólogo	17
7	Bibliografia	19



1 RESUMO

Orientação à Queixa Escolar: resultados e contribuições para a formação do psicólogo¹

Lilian Susuki²

O presente trabalho tem por objetivo apresentar e discutir o levantamento de dados acerca da clientela e seu atendimento, no serviço de Orientação à Queixa Escolar – O.Q.E.. Em tal levantamento são consideradas as seguintes características do serviço: a) as demandas; b) o atendimento; c) os encaminhamentos; d) o acompanhamento. Os levantamentos apontaram que os meninos, ainda, comparecem em número significativamente superior ao das meninas, mas a pesquisa constata um significativo dado de diminuição dessa diferença nos anos 2012 e 2013; também se verificou que ao longo do processo de atendimento houve uma baixa taxa de desistência e um baixo índice de encaminhamentos para psicoterapia e serviços de saúde. Os dados acerca dos acompanhamentos apontaram para resultados bastante positivos, pois indicaram que o atendimento proposto tem possibilitado significativas transformações positivas nas trajetórias psíquicas dos atendidos que, antes, rumavam ao fracasso escolar e ao sofrimento. Para além dos resultados obtidos, das convergências ou divergências que o serviço de O.Q.E. apresenta frente ao modelo de atendimento clínico tradicional, coube também destacar a

¹Texto apresentado ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, em 2015, como trabalho de conclusão do Curso de Aperfeiçoamento: “Orientação à Queixa Escolar”. **Dados aprofundados e ampliados** podem ser encontrados na pesquisa “Atendimento psicológico a dificuldades escolares em Serviço-Escola no IPUSP: efetividade de uma modalidade de atendimento psicológico”, realizada por meio do Programa Unificado de Bolsas (PUB) 2016-2017 e na pesquisa “Características da demanda de um Serviço-Escola de atendimento psicológico a queixas escolares: continuidade de pesquisa e aperfeiçoamento do banco de dados do Serviço ‘Orientação à Queixa escolar’ do Instituto de Psicologia da USP”, realizada por meio do PUB 2017-2018.

²Psicóloga com aperfeiçoamento em Orientação à Queixa Escolar e especialização em Psicanálise. Especialista em Psicologia Escolar/Educacional e do Trabalho/Organizacional pelo Conselho Federal de Psicologia. Psicóloga clínica. Professora de graduação e pós-graduação. Psicóloga Escolar em Ensino Superior. Integra o Grupo Interinstitucional Queixa Escolar (GIQE) e o Fórum Sobre Medicalização da Educação e da Sociedade. Conselheira Efetiva do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo (gestão 2019-2022).



necessidade de aprofundar a discussão acerca da formação de psicólogos, enfatizando as contribuições que o modelo proposto pelo serviço de O.Q.E. oferece.

Palavras-chave: queixa escolar; formação de psicólogos; Psicologia Escolar



2 INTRODUÇÃO

Meu local de trabalho sempre foi a escola.

Assumi desde o cargo de secretária, passando por auxiliar de classe, professora e sócia-proprietária em escola de Educação Infantil, professora no Ensino Médio, até Coordenadora Pedagógica dos Pré-Escolares.

Graduei-me em Psicologia e na mesma universidade em que me formei, fui professora assistente da disciplina PEPA¹, supervisora de estágio curricular em Dificuldades de Aprendizagem e supervisora de estágio extracurricular na Favela do Heliópolis, quando pude conhecer Braz Nogueira e sua proposta de gestão na escola Campos Sales².

Com a formação em Psicologia, meu local de trabalho continuou sendo a escola, onde exerci a função de Orientadora Escolar, prestei serviços de Consultoria e exerci, por 12 anos, a função de psicóloga e mais recentemente, fui coordenadora em um curso de Psicologia no interior paulista.

O início do trabalho em consultório foi, e, ainda é veiculado também pela escola, devendo-se à demanda de profissionais, recém-formados em Psicologia, que solicitavam atendimento e supervisão em processos educativos.

Em 2002, ao concluir o curso de Pós Graduação *Latu Sensu* ‘*Teoria, Técnica e Estratégias Especiais em Psicanálise*’, apresentei o trabalho “PSICANÁLISE E ESCOLA – Percorso de um Encontro Possível a partir das Contribuições de Jacques Lacan” à Universidade de São Paulo, no Instituto de Psicologia do Departamento de Psicologia Clínica. Meu objetivo naquele momento era propor uma comunicação - um campo de interlocução entre Psicanálise e Escola, não deixando de considerar o impossível, mas, questionando-me sobre as possibilidades. Haveria subsídios teóricos que viabilizariam um ‘in’-possível campo entre Psicanálise e Escola?

¹Psicologia do Escolar e seus Problemas de Aprendizagem

²Braz Nogueira, diretor da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Campos Salles, situado no bairro de Heliópolis, região sudeste da capital paulistana, a escola difere-se das demais por apresentar uma estrutura que foge dos padrões de aulas divididas em 45 minutos e ministradas por um único professor.



Para sustentar meu estudo, as contribuições de KUPFER (1989), MILLOT (1987), MANNONI (1988), DOLTO (s/data) e evidentemente LACAN (1981, 1992, 1998, 1999) foram fundamentais.

Nos anos seguintes, fui professora convidada deste curso até sua extinção. Neste período a relação entre Psicanálise e Escola sempre permeou minhas aulas, assim como a confecção dos trabalhos de conclusão de curso que orientei. Paralelamente a isso, minha atuação como psicóloga e como docente em um curso de licenciatura, no qual ainda leciono a disciplina de Psicologia da Educação, foram tonalizadas pela minha questão de pesquisa naquele momento: o que estaria por de trás da queixa escolar?

Ser aluna do curso de aperfeiçoamento “Orientação à Queixa Escolar” oferecido pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo tem fomentado mais ainda minha questão e as contribuições de SOUZA, Beatriz de Paula (2007) fazem marcas nesta jornada.

O Curso de Aperfeiçoamento “Orientação à Queixa Escolar”, vinculado ao Laboratório Interinstitucional de Estudos e Pesquisas em Psicologia Escolar – LIEPPE, tem como docente responsável a professora Dra. Marilene Proença Rebello de Souza, mas foi a partir das orientações e supervisões da professora Ms. Beatriz de Paula Souza, que este trabalho foi se delineando. Vivenciar atendimentos junto a estudantes, suas famílias e escolas atualizaram minha questão: Compreender o contexto da produção da queixa escolar.

O presente trabalho tem por objetivo apresentar e discutir o levantamento de dados acerca da clientela e seu atendimento, no serviço de O.Q.E, no período de 2006 a 2013. Em tal levantamento foram consideradas as seguintes características do serviço: a) as demandas; b) o atendimento; c) os encaminhamentos; d) o acompanhamento.

Os dados apontaram para resultados bastante positivos, pois indicaram que o atendimento proposto tem possibilitado significativas transformações positivas nas trajetórias psíquicas da clientela atendida que, antes, rumavam ao fracasso escolar e ao sofrimento.

Para além dos resultados obtidos coube também destacar a necessidade de aprofundar a discussão acerca da formação de psicólogos, enfatizando as contribuições que o modelo proposto pelo serviço de O.Q.E. oferece.



2.0.1 Queixa Escolar

WAENY e AZEVEDO³ apontam que desde antes do período colonial os determinantes do desenvolvimento da criança são objeto de estudos em áreas como Teologia, Moral, Pedagogia, Medicina, Política e Arquitetura e que ao se consolidar como ciência e campo de atuação, a Psicologia começa a servir como grande pilar de sustentação para as realizações educativas, emergindo uma relação polêmica e ao mesmo tempo rica de possibilidades críticas com a Educação.

As autoras lembram que quando um conjunto da população - até então excluída do processo educativo - amplia seu acesso à escola, a intervenção do psicólogo na área da Educação ganha destaque. Este destaque intensifica estudos e impulsiona a criação da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional – ABRAPEE, em 1988.

“Esse aumento de publicações no período de certa forma é uma resposta, assim como também resulta da crítica ao modelo de atuação então vigente, na qual a atuação do psicólogo escolar era pautada geralmente pelo modelo clínico. Restringir a ação do psicólogo escolar a atividades como diagnosticar problemas de aprendizagem no aluno e aplicar testes mantinha o profissional alheio à totalidade do processo ensino- aprendizagem, alheio ao ambiente escolar e distante dos demais profissionais escolares. Por outro lado, esse volume de publicações também retrata a organização da área, que exigia a definição do papel e da atuação do psicólogo escolar.”

Aqui, cabe firmar que o serviço de “Orientação à Queixa Escolar” – O.Q.E. está integrado ao Serviço de Psicologia Escolar e vinculado ao Laboratório Interinstitucional de Estudos e Pesquisas em Psicologia Escolar – LIEPPE do Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade– PSA do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, portanto, o atendimento no serviço de O.Q.E. tem marca na Psicologia Escolar.

³WAENY, Maria Fernanda Costa e AZEVEDO, Mônica Leopardi Bosco de. *A Psicologia Escolar e sua história*. In: Conselho Regional De Psicologia De São Paulo (org). *A Psicologia Escolar e Educacional em São Paulo*. Vídeo Documentário v. 8. Disponível em: <http://www.crpsp.org.br/memoria/educacional/artigo.aspx>. Acessado em junho de 2015.



3 O LEVANTAMENTO DE DADOS ACERCA DA CLIENTELA NO SERVIÇO DE O.Q.E. NO PERÍODO DE 2006 A 2013

3.0.1 A inscrição

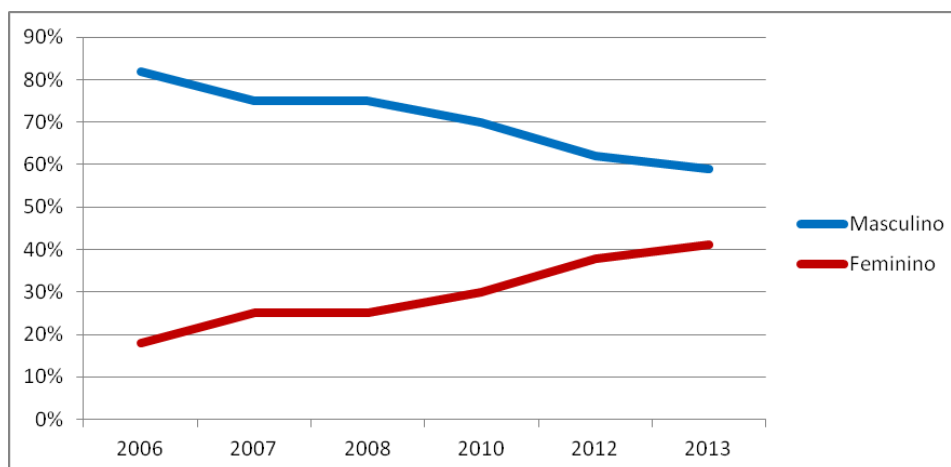
As demandas da clientela referem-se a todos os que tiveram fichas preenchidas como interessados em atendimento pelo serviço de atendimento em O.Q.E., incluindo atendidos e não atendidos.

Foram 519 inscritos e o total relativo do período mantém uma constatação já observada SOUZA (2007):

A diferença de gênero entre as crianças e os adolescentes que compõem a demanda por nossos serviços é claramente significativa. Os meninos comparecem em número muito superior aos das meninas [...]Essa porcentagem está próxima dos resultados encontrados em levantamentos de centros de atendimentos psicológicos[...] (p.121)

Há, porém, uma constatação que clama a nossa atenção nesta tabela: a diferença de gênero na demanda dos inscritos em 2012 e 2013 foi menor.

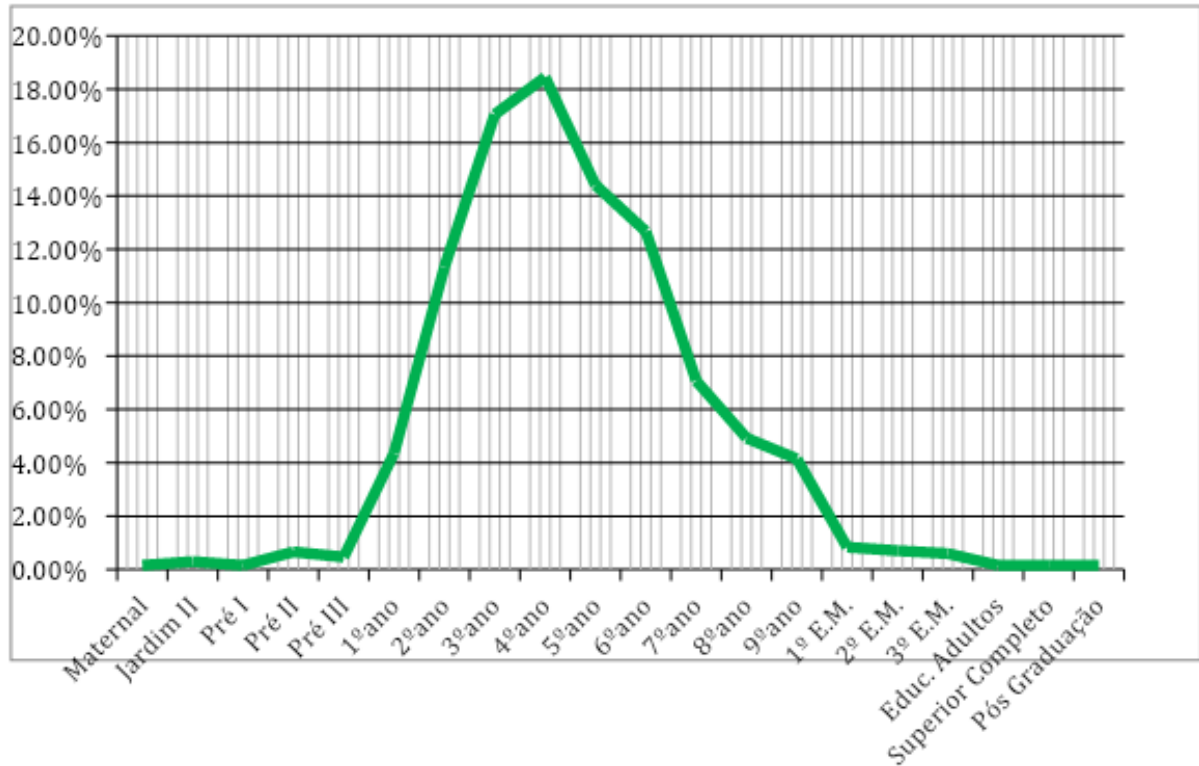
Inscritos	2006	2007	2008	2010	2012	2013	TOTAL	
							nº absoluto	nº relativo
Masculino	82%	75%	75%	70%	62,10%	58,93%	372	72%
Feminino	18%	25%	25%	30%	37,90%	41,07%	147	28%
							519	100%



Na Escolaridade há uma predominância de queixas oriundas das classes iniciais do Ensino Fundamental. A análise de dados constatou que a partir de 2010 o nível escolar dos inscritos foi definido como Ensino Fundamental com duração de nove (9) anos¹. No período desta pesquisa, a demanda, em termos de números relativos, sofreu algumas alterações, como por exemplo, em 2010 foram inscritos mais estudantes do 5º ano e em 2013 foram inscritos mais estudantes do 4º ano, mas na comparação dos dados estas constatações não caracterizariam tendências.

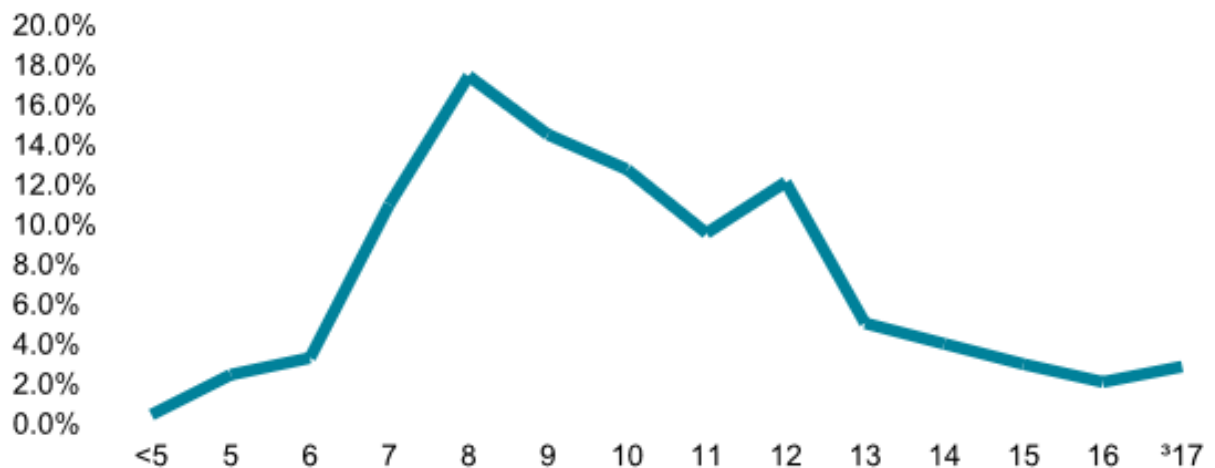
Nível da Escolaridade	2013 - 2006
Maternal	0,19%
Jardim II	0,39%
Pré I	0,19%
Pré II	0,58%
Pré III	0,58%
1º Ano	3,47%
2º Ano	10,40%
3º Ano	18,11%
4º Ano	16,57%
5º Ano	16,18%
6º Ano	11,56%
7º Ano	8,86%
8º Ano	5,20%
9º Ano	3,08%
EFII	0,19%
1º EM	1,35%
2º EM	0,58%
3º EM	0,19%
EM Completo	0,19%
Educ. Adultos	0,19%
Superior Completo	0,19%
Pós Graduação	0,19%
Não Estuda	0,58%
Não Consta	0,96%

¹Até 2008, o nível escolar foi definido em Ensino Fundamental I e II com ciclo de oito (8) séries.

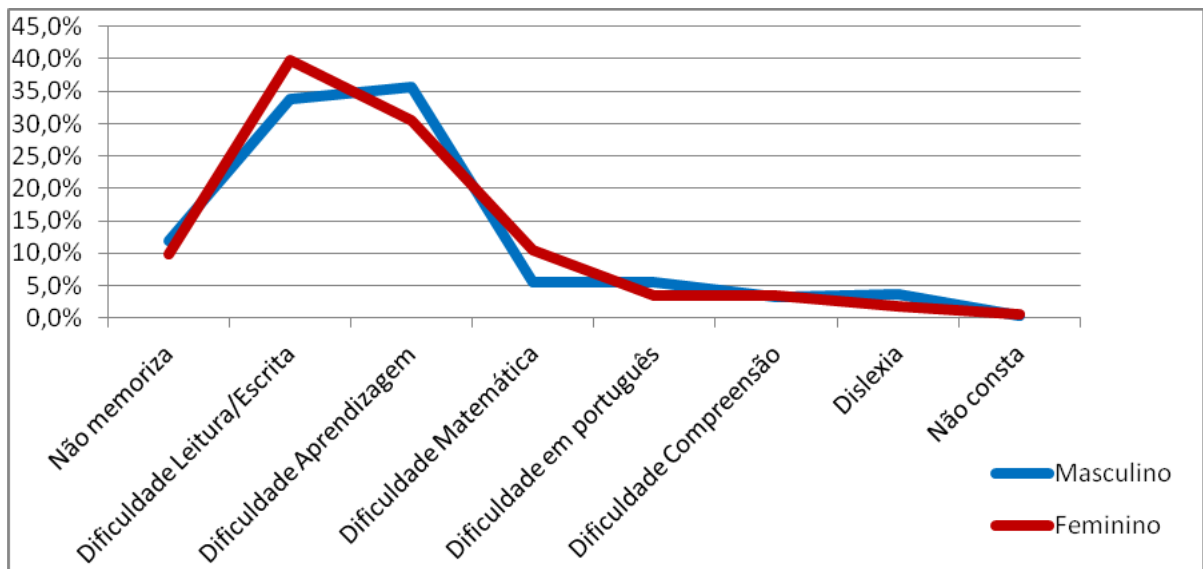


Há predominância de inscritos nas idades entre 6 e 13 anos.

A análise de dados no período desta pesquisa constatou que em 2006 houve um pico e em 2012 houve uma baixa de estudantes inscritos com 12 anos, mas, também nesta categoria, na comparação dos dados, estas constatações não caracterizariam tendências.

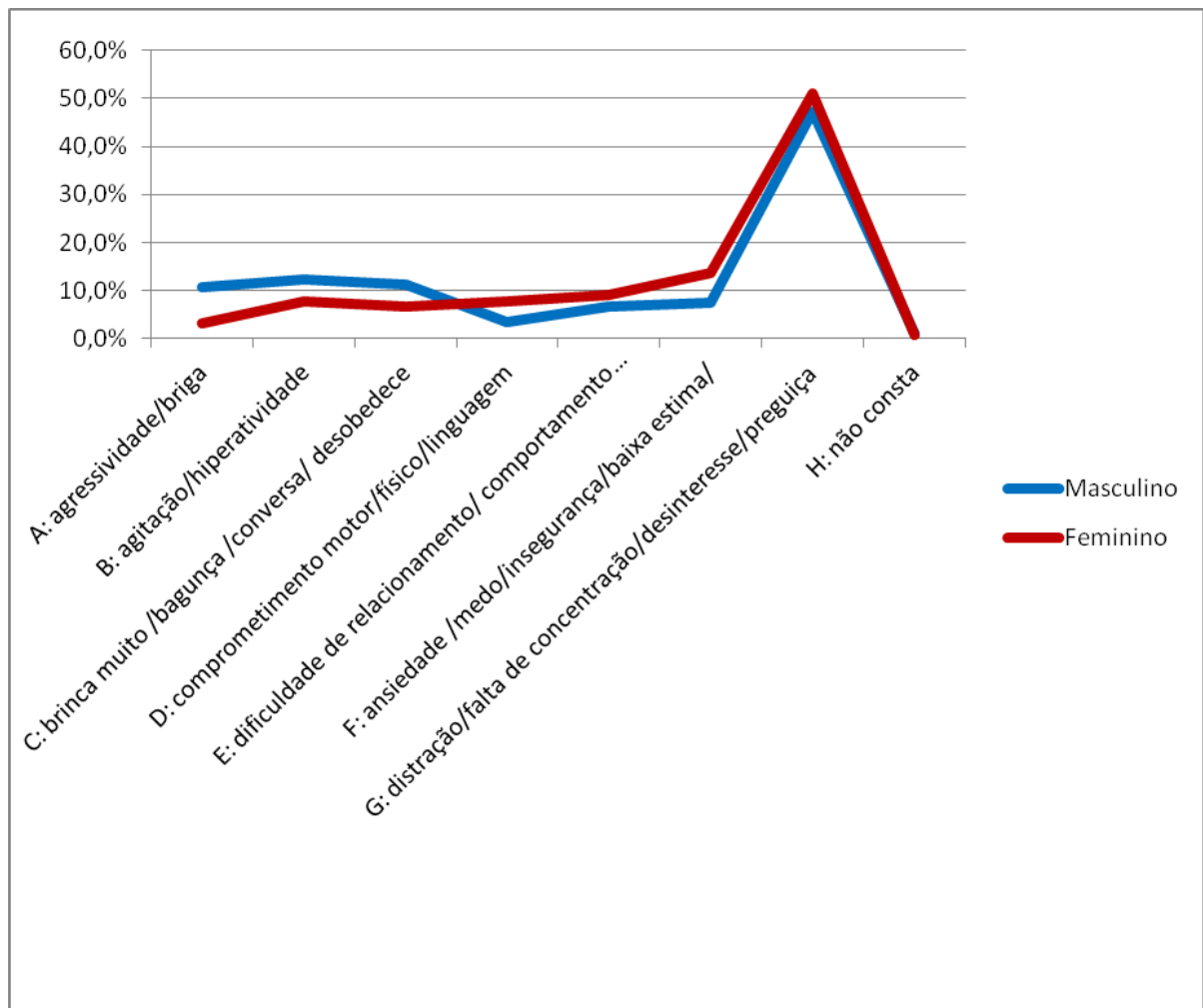


Na categoria queixa pedagógica e queixas comportamentais, a vale evidenciar a diferença de gênero. A dificuldade em escrita/leitura e dificuldade de aprendizagem são as maiores questões pedagógicas, e, distração e falta de concentração são as maiores queixas comportamentais, independente do gênero.





4 QUEIXA PEDAGÓGICA, POR GÊNERO

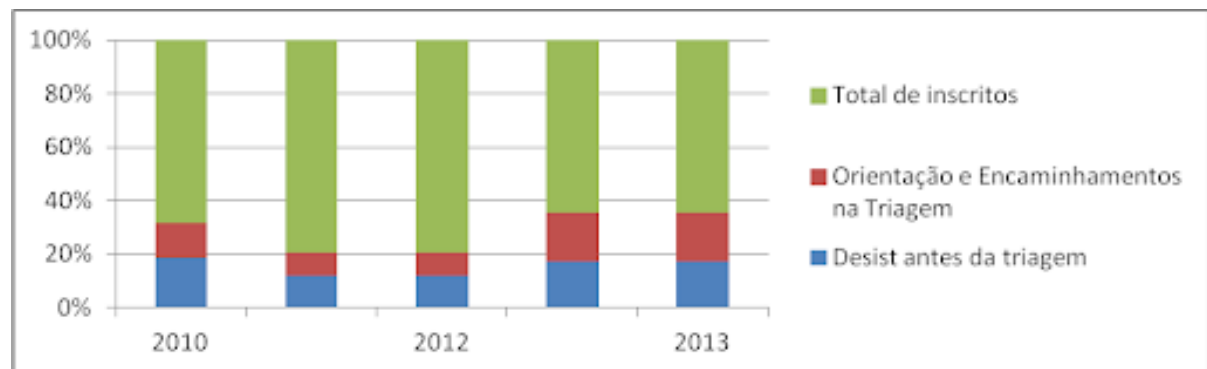




5 QUEIXAS DE COMPORTAMENTO, POR GÊNERO

5.0.1 O atendimento e os encaminhamentos

Uma vez que o serviço de O.Q.E. é quase sempre procurado pelos pais, é por eles, os demandantes, que o atendimentos iniciam. Este é o momento da *Triagem de Orientação*.



Como explicita SOUZA (2007), nesse momento apresenta-se a modalidade de atendimento, colhe-se dos demandantes a versão da queixa escolar, investigando e procurando soluções da demanda que se apresenta.

Em média, quinze por cento (15%) dos inscritos são orientados e encerram a demanda na Triagem de Orientação.

“Não raro, a Triagem de Orientação encerra o atendimento” (SOUZA, 2007, p.106)

O hiato entre a inscrição e a triagem de orientação faz com que 18% dos inscritos desistam do serviço de O.Q.E.. Entre as variadas justificativas cita-se não ter mais interesse, mudou de cidade, atendimento por convênio, atendimento em outra universidade ou perto de casa e não ter horário disponível para comparecer a triagem de orientação.

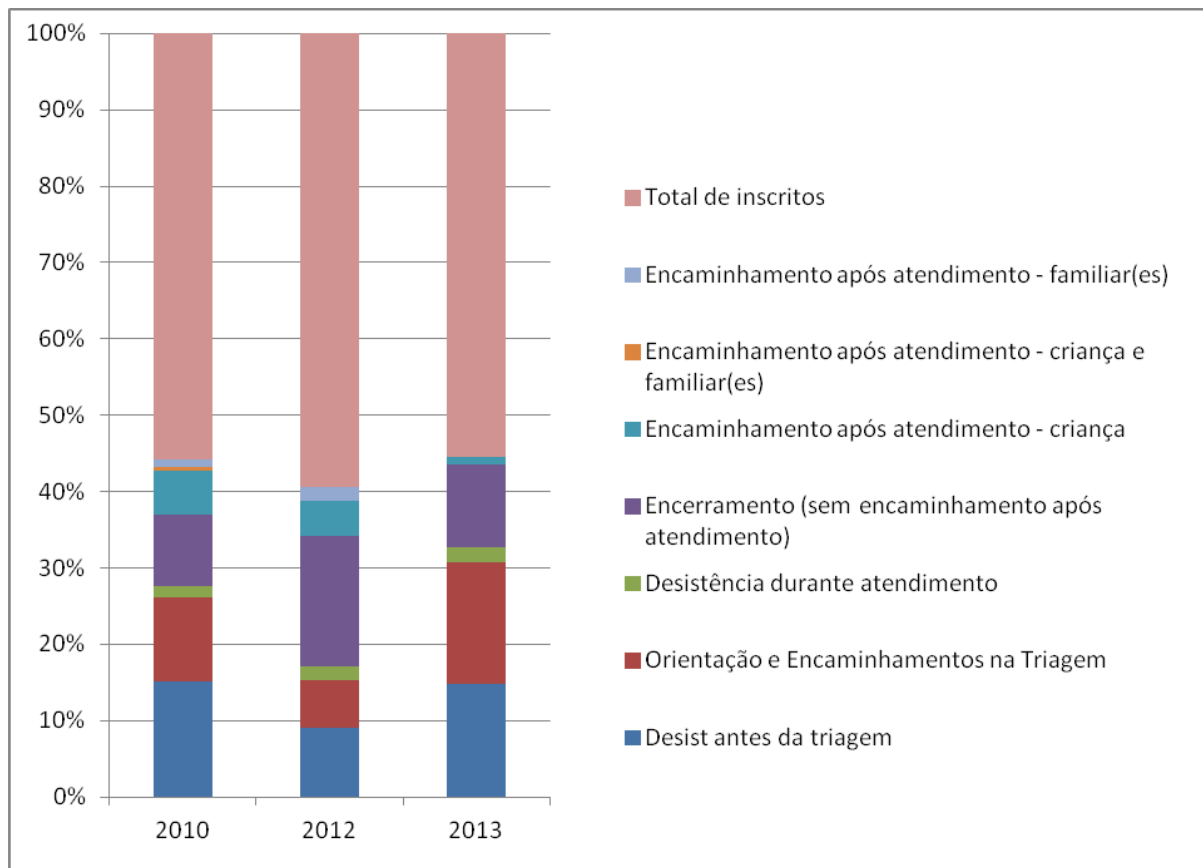
Quando se entende que a intervenção necessária e prioritária está nas questões escolares, o processo de atendimento de O.Q.E tem continuidade.



Dado relevante a se considerar é o índice de desistência durante o atendimento que é bastante baixo no serviço de O.Q.E.

Ao final dos encontros com os adolescentes ou as crianças e da interlocução com a escola, ocorrem as entrevistas de fechamento. O encerramento ou o encaminhamento desvela-se e o levantamento de dados aponta que a intervenção breve do psicólogo tem sido neste serviço, suficiente “para potencializar a rede de relações produtora da queixa, no sentido de sua superação [...]” (SOUZA, 2007, p.116).

	2010	2012	2013
Desistentes antes da triagem	27,10%	15,15%	26,79%
Orientação e Encaminhamentos na Triagem	19,63%	10,61%	28,57%
Desistência durante atendimento	2,80%	3,03%	3,57%
Encerramento (sem encaminhamento após atendimento)	16,82%	28,79%	19,64%
Encaminhamento após atendimento - criança	10,28%	7,58%	1,79%
Encaminhamento após atendimento - criança e familiar(es)	0,93%	0,00%	0,00%
Encaminhamento após atendimento - familiar(es)	1,87%	3,03%	0,00%
Total de inscritos	100%	100%	100%





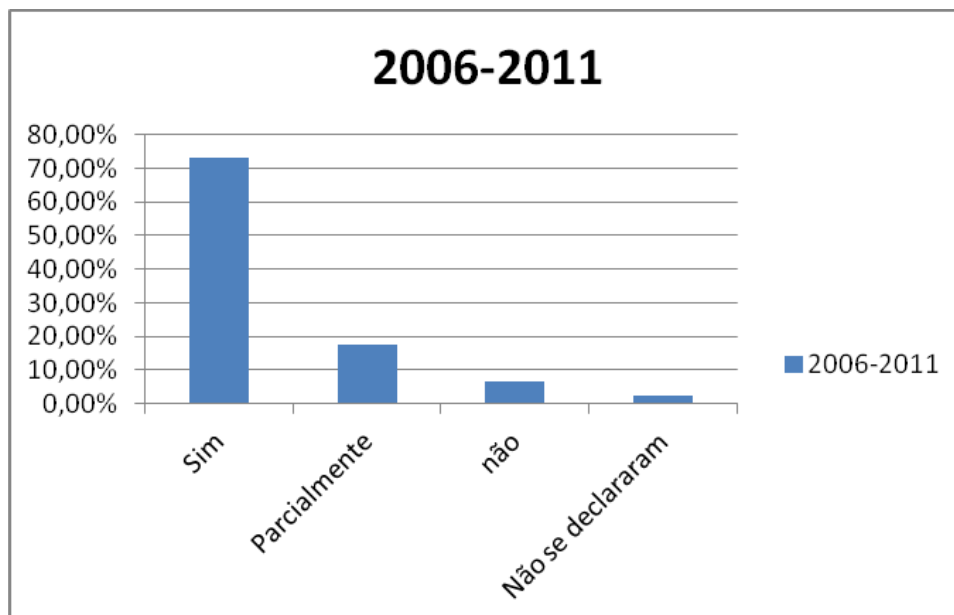
5.0.2 O acompanhamento

Em 2007, Souza considerava este procedimento “relativamente novo, acerca do qual ainda não temos dados sistemáticos” (p.112).

O acompanhamento consiste em um novo contato por telefone com pais, criança/adolescente e escola. Aproximadamente três meses após o encerramento do atendimento, colhe-se as versões dos três principais personagens desta trama. Os dados acerca do acompanhamento, como apontado há oito anos, possibilitam sinalizações otimistas e indicam que o atendimento proposto produz significativas transformações nas trajetórias psíquicas dos atendidos que, antes, rumavam ao fracasso escolar e ao sofrimento.

Setenta e um por cento (71%) dos casos acompanhados consideram que o atendimento foi positivo em seus objetivos de mobilização dos envolvidos:

	2006-2011
Sim	73,18%
Parcialmente	17,46%
não	6,76%
Não se declararam	2,60%
	100,00%





6 CONCLUSÃO

6.0.1 Algumas considerações

O levantamento de dados acerca da clientela de O.Q.E. evidencia que este serviço integra ao modelo de atendimento clínico tradicional as contribuições da Psicologia Escolar e Educacional em uma perspectiva crítica, propondo, desta maneira, uma compreensão distinta – e conseqüentemente, um diferente tratamento – acerca das demandas oriundas do universo escolar, considerando as dimensões sociais, culturais, políticas e institucionais. Ou seja, o atendimento reverte a lógica da demanda que chega como “problemas de aprendizagem” e “problemas de comportamento”, ao considerar estas dimensões na constituição da queixa escolar.

SOUZA (2007) ao apresentar a Orientação à Queixa Escolar lembra as contribuições de Patto (1984; 1990, apud SOUZA, 2007, p. 98) na visão crítica a cerca dos funcionamentos escolares e de Winnicott (1984, apud SOUZA, 2007, p.103) indicando que o terapeuta é constituído pelo paciente como objeto subjetivo. O atendimento é pautado em uma dimensão institucional, considerando os elementos do contexto escolar e educacional.

Para além da apresentação de SOUZA (2007), ao analisar a prática proposta pelo serviço de O.Q.E., esta pesquisa recupera a Resolução CFP nº 013/2007 do Conselho Federal de Psicologia, que institui a consolidação das resoluções relativas ao título profissional de especialista em psicologia e destaca que a(o) psicóloga(o) especialista em Psicologia Escolar/Educacional “envolve, em sua análise e intervenção, todos os segmentos do sistema educacional que participam do processo de ensino- aprendizagem” .

Recupera também a Nota Técnica publicada em 16/8/2010 pelo Conselho Regional de Psicologia de São Paulo que orienta as atribuições do psicólogo no contexto escolar e educacional divulgando que ao acolher as demandas apresentadas, o psicólogo deve superar a queixa individual, mas considerar os elementos deste contexto para avaliação e para os encaminhamentos e esclarece que a nota tem o objetivo de romper com a tendência



histórica da prática do psicólogo na educação de patologizar, medicalizar e produzir diagnósticos classificatórios e defender práticas que consideram a realidade escolar brasileira, a diversidade cultural e as dimensões psicossociais das comunidades educacionais.

Assim também recupera a publicação, em 2013, do Conselho Federal de Psicologia sobre as Referências Técnicas para atuação de Psicólogas(os) na Educação Básica que propõe à(ao) psicóloga(o): Problematizar o cotidiano escolar, considerar a dimensão de produção da subjetividade, sem reduzi-la a uma perspectiva individualizante, afastando-se do modelo clínico-assistencial, valorizar e potencializar a construção de saberes, nos diferentes espaços educacionais, considerando a diversidade cultural das instituições e seu entorno para subsidiar a prática profissional, buscar conhecimentos técnico-científicos da Psicologia e da Educação, em sua dimensão ética para sustentar uma atuação potencializadora, produzir deslocamento do lugar tradicional da(o) psicóloga(o) no sentido de desenvolver práticas coletivas que possam acolher as tensões, buscando novas saídas para os desafios da formação entre educadores e educandos, romper com a patologização, medicalização e judicialização das práticas educacionais nas situações em que as demandas por diagnósticos fortalecem a produção do distúrbio/transtorno, da criminalização e da exclusão.

Assim, as referências técnicas, a nota técnica e Resolução CFP nº 013/2007 defendem uma Psicologia Escolar crítica e contextualizada, como a oferecida pelo serviço de O.Q.E..

6.0.2 Esperança

O Ministério da Educação em 1997, consolidou os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs referentes às quatro primeiras séries do Ensino Fundamental. Em 1998, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEIs apontou metas de qualidade que contribuíssem para que as crianças tivessem um desenvolvimento integral de suas identidades, capazes de crescerem como cidadãos cujos direitos à infância seriam reconhecidos. De lá para cá são dezessete (17) anos. Considerando que as crianças iniciavam sua escolarização formal aos seis (6 anos), estaríamos formando nossas primeiras turmas de PCNs e RCNEIs. Poder-se-ia acreditar que muitos destes formandos, que estão já atuando como professores, possam ter se beneficiado:

Nosso objetivo é auxiliá-lo na execução de seu trabalho, compartilhando seu esforço diário de fazer com que as crianças dominem os conhecimentos de que necessitam para crescerem como cidadãos plenamente reconhecidos e conscientes de seu papel em nossa sociedade. Sabemos que isto só será alcançado se oferecermos à criança brasileira pleno acesso



aos recursos culturais relevantes para a conquista de sua cidadania. Tais recursos incluem tanto os domínios do saber tradicionalmente presentes no trabalho escolar quanto as preocupações contemporâneas com o meio ambiente, com a saúde, com a sexualidade e com as questões éticas relativas à igualdade de direitos, à dignidade do ser humano e à solidariedade. (Ao professor, p.5)

A menor diferença de gênero entre as crianças e os adolescentes na demanda dos inscritos em 2012 e 2013 no serviço de O.Q.E poderia ser compreendida como efeitos da história da Educação Nacional...

6.0.3 Contribuições para a formação do psicólogo

Estas contribuições estão entrelaçadas com a história e a memória desta autora, por este motivo, impõe a pessoa e a narrativa:

Como coordenadora de Curso de Graduação em Psicologia e durante o processo de avaliação de Renovação de Autorização de Funcionamento em 2013, chamou-me a atenção pela primeira vez um denominador comum aos artigos 11 e 12 da RESOLUÇÃO Nº 5, DE 15 DE MARÇO DE 2011, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia: a necessidade da oferta de pelo menos duas ênfases curriculares que o discente possa escolher para que não se caracterize o curso de psicologia como uma especialização em apenas uma área de atuação do psicólogo.

Sublinho esses artigos, pois, com base em meu percurso na Psicologia Escolar e ao tentar adequar o currículo do curso de psicologia da Instituição de Ensino Superior, da qual coordenei, às diretrizes supracitadas o que, por sua vez, motivou-me a pesquisar a grade curriculares de outros cursos, hipotetizo que grande parte desses cursos, se não sua totalidade, tendem a ter a clínica como único norte de seu currículo. Deste modo, a Psicologia Escolar parece ter um lugar tímido nos currículos atuais dos cursos de psicologia, afetando, com isso, a formação e atuação do psicólogo. Afinal, o estudo dos processos educativos não poderiam auxiliar o estudante a construir e avaliar seu próprio aprendizado no curso de psicologia? Além disso, se não possibilitamos ao discente o estudo dos processos educativos, como podemos exigir que esses processos tenham seu devido valor e lugar na prática deste estudante quanto este se tornar um profissional da psicologia? Essas perguntas parecem ser fundamentais para se pensar a questão da queixa escolar. Ora, há na queixa escolar aquele que queixa e aquele que escuta essa queixa, mas como escutar aquilo que não se conhece?

Assim, se até me tornar coordenadora de um curso de psicologia o que me fazia



questão era a queixa escolar no ensino básico e as contribuições que a psicanálise poderia dar à psicóloga escolar para a compreensão deste fenômeno, hoje proponho-me a ir um pouco além. Parece-me ser importante estudar o processo de formação deste profissional, que não deixa de estar em uma instituição de ensino, e os efeitos que essa possa ter em sua compreensão da queixa escolar.

VIGOTSKI (2001), em oposição a WINNICOTT (1983/1990), aponta que os elementos históricos buscados não numa perspectiva da cronologia oficial dos fatos, mas na relevância dos movimentos sociais terão efeitos contextualizados.

SOUZA, Marilene Proença Rebello de (1996, p. 197) propõe nos cursos de formação de professores uma mudança da concepção na queixa escolar: da origem familiar para o processo de escolarização.

A queixa escolar continua sendo o que me motiva.

O mestrado emerge.

A queixa escolar será compreendida como investigação do processo de escolarização e construção de práticas psicológicas que considerem a dimensão social do acontecer humano.



7 BIBLIOGRAFIA

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Referencial curricular nacional para a educação infantil* / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais* / Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília : MEC/SEF, 1997.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Referências técnicas para Atuação de Psicólogas(os) na Educação Básica*. Brasília: CFP, 2013. Disponível em: http://crepop.pol.org.br/novo/wp-content/uploads/2013/04/MIOLO_EDUCACAO.pdf. Acesso em junho de 2015.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. *Resolução CFP nº 013/2007*. Institui a Consolidação das Resoluções relativas ao Título Profissional de Especialista em Psicologia. Disponível em: http://www.crpssp.org.br/PORTAL/orientacao/resolucoes_cfp/fr_cfp_013-07.aspx. Acesso em junho de 2015.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO (org). *A Psicologia Escolar e Educacional em São Paulo*. Vídeo Documentário v. 8. Disponível em: <http://www.crpssp.org.br/memoria/educacional/default.aspx>. Acessado em junho 2015.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO (org). *Psicologia e Educação: Contribuições para a atuação profissional*. Caderno temático. Conselho Regional de Psicologia da 6ª Região - São Paulo - São Paulo: CRP SP, 2008. Disponível em: http://www.crpssp.org.br/PORTAL/comunicacao/cadernos_tematicos/6/frames/fr_indice.aspx. Acessado em 30/11/2014.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DE SÃO PAULO. *Orientação sobre as atribuições do psicólogo no contexto escolar e educacional*. Nota Técnica publicada em 16/8/2010. Disponível em: http://www.crpssp.org.br/portal/midia/fiquedeolho_ver.aspx?id=72. Acesso em junho de 2015.



DOLTO, F. *Dificuldade de viver: psicanálise e prevenção das neuroses* (Paris, 1995) Porto Alegre: Artes Médicas, s/d.

Fórum sobre Medicalização da Educação e da Sociedade. *Podemos falar em fracasso escolar? Enfrentando as dificuldades de escolarização*. Câmara Municipal de São Paulo. Vídeo do Seminário de 26/05/2014. Disponível em <https://www.youtube.com/playlist?list=PLUJA440WZ8sXilPL2jpHpckfoSOc0FKQR>. Acesso em junho de 2015.

KUPFER, M. C. *Freud e a Educação, o mestre do impossível.*, SP: Ed. Scipione, 1989.

LACAN, J. *A família*. Lisboa, Portugal: Ed. Assírio & Alvim. Pelas bandas da psicanálise, 2.a ed., 1981.

MACHADO, Adriana e PROENÇA, Marilene. Organizadoras. *Psicologia Escolar: em busca de novos rumos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

MANNONI, M., *Educação Impossível*. RJ: Francisco Alves Ed. 1988.

MEIRA, Marisa Eugênia Melillo e ANTUNES, Mitsuko Aparecida Makino. Organizadoras. *Psicologia Escolar: Teorias Críticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

MILLOT, C., *Freud Antipedagogo.*, RJ: Ed. Jorge Zahar, 1987.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO; CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO; CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR. RESOLUÇÃO Nº 5, DE 15 DE MARÇO DE 2011. *Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Psicologia*. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=12991:diretrizes-curriculares-cursos-de-graduacao. Acesso em 30/11/2014.

OLIVEIRA, Betty. *A dialética do singular-particular-universal*. Exposição apresentada na abertura do V Encontro de Psicologia Social Comunitária sobre o tema O método materialista histórico-dialético promovido pela Abrapso - Núcleo Bauru, Neppem e o Departamento de Psicologia da Faculdade de Ciências/Unesp-Bauru, nos dias 16 a 18/08/2001.

SOUZA, Beatriz de Paula (Organizadora). *Orientação à queixa escolar*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

SOUZA, Marilene Proença Rebello de. *A queixa escolar e a formação do psicólogo*. Tese de Doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

VIGOTSKI, L.S. *A construção do Pensamento e da Linguagem*. São Paulo: Martins



Fontes. 2001.

WAENY, Maria Fernanda Costa e AZEVEDO, Mônica Leopardi Bosco de. *A Psicologia Escolar e sua história*. In: Conselho Regional De Psicologia De São Paulo (org). *A Psicologia Escolar e Educacional em São Paulo*. Vídeo Documentário v. 8. Disponível em: <http://www.crpsp.org.br/memoria/educacional/artigo.aspx>. Acessado em junho de 2015.

WINNICOTT, Donald D. *Natureza humana*. Rio de Janeiro, Imago, 1990.

WINNICOTT, Donald D. *Consultas terapêuticas em psiquiatria Infantil*. Rio de Janeiro, Imago, 1984.

WINNICOTT, Donald D. *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1983.